

A MÚSICA COMO RECURSO PARA O ENSINO DA TEXTUALIDADE EM UM MUNDO GLOBAL

Jaiana da Silva Santos*

Resumo

Este artigo trata de como aspectos positivos da textualidade como a intertextualidade, a intencionalidade e a informatividade podem ser explorados, em sala de aula, com a ajuda das letras de músicas populares, possibilitando ao educando uma atraente alternativa de leitura na globalização.

Palavras-chave: Textualidade. Educação musical. Ensino.

Abstract

This paper addresses the issue of how positive aspects of textuality such as intertextuality, intentionality, and informativity can be explored in the classroom environment when the instructor resorts to aids such as the lyrics from pop songs, thus allowing the student to make use of an attractive alternative to reading in a globalizing society.

Key Words: Textuality. Music education. Teaching.

Embora haja toda uma discussão no sentido de se tomarem novas metodologias e aplicá-las ao ensino da língua portuguesa em si – haja vista as novas diretrizes dadas pelos PCNs – praticamente não se tem mudado o enfoque no tratamento dessa disciplina que é de um caráter fundamental para o desenvolvimento da criticidade do aluno. Da maneira como se tem dado a prática do ensino de português, não se visualiza outro destino senão a profunda aversão dos alunos diante de qualquer texto. Nessa perspectiva, sente-se a carência de exercícios de leitura prazerosa, aquela que está livre das fichas de resposta, que

causam certo atrofiamento da capacidade de posicionar-se do aluno com relação ao texto. Nesses casos, os professores geralmente esperam dos alunos respostas que estejam de acordo com as suas ou com as do livro didático. Os alunos, por sua vez, sabem desse limite imposto pelo professor ao seu pensar, motivo pelo qual, muitas vezes, preferem ficar calados diante dos textos apresentados pelos docentes. Em nossa sociedade globalizante, as facilidades oriundas do contato com o mundo pelas lentes da internet parecem, por isso, mais atraentes aos alunos, pois lhes oferece a oportunidade, menos desafiante e

* **Jaiana da Silva Santos** é pós-graduada em Estudos Lingüísticos pela Universidade Estadual de Feira de Santana: jaiana101@hotmail.com.

intimidadora, de se relacionarem com o texto de forma mais espontânea e descomprometida. Os que não têm acesso a essa possibilidade acabam, muitas vezes, excluídos do contato com a textualidade.

OS CONTATOS ENTRE A LEITURA DA PALAVRA E A LEITURA DO MUNDO

Muito se tem discutido sobre a importância da leitura e seu poder libertador, considerando o leitor como peça fundamental nesse processo. “É o receptor que transforma a obra, até então mero artefato, em objeto estético, ao decodificar os significados transmitidos por ela” (ZILBERMAN, 1989). A atitude perceptiva só será desenvolvida, contudo, mediante uma prática que se consolide na formação de um bom leitor, ou seja, aquele capaz de posicionar-se criticamente diante do texto e de perceber, nas entrelinhas, a intenção do autor. Esse bom leitor só será formado, no entanto, caso sua relação com a leitura seja bem sucedida, isto é, se durante a sua formação enquanto leitor tenha sido exposto a estratégias interessantes de leitura. Assim, Freire (2003), falando sobre a importância do ato de ler, refere-se à leitura do mundo como procedente da leitura da palavra. Ainda segundo ele, a leitura da palavra implica na continuidade da leitura do mundo, chamando a atenção para a apreensão de significados diferentes que cada um constituirá, dependendo de sua experiência

de mundo. É importante, por isso, que se preze pela troca de experiências, no sentido em que se construa a prática saudável do debate participativo.

Dessa forma, a abertura que comporta um determinado texto deveria ser preenchida pela interpretação de quem o ler. Não cabe, portanto, um posicionamento da escola que cobre respostas prontas e esperadas, em consonância unicamente com aquelas que estão no livro do professor. Este também já vem, às vezes, indevidamente respondido, fazendo com que o próprio professor se acomode diante das respostas dadas, num exercício de desconstrução da prática interpretativa.

A MÚSICA COMO ALIADA DA LEITURA

Quando a leitura é trabalhada sob uma perspectiva de cobranças mecânicas, observa-se que o aluno geralmente não se interessa por ela. No entanto, uma possibilidade de reverter esse quadro de aversão à leitura seria a inclusão da música dentre as atividades pedagógicas dos docentes, por ser um gênero que oferece múltiplas alternativas de trabalho: contextualizar letras, autor, fazer inferências, entre outras coisas. Assim empregada, a música surge como uma aliada no processo de aquisição de novos conhecimentos e incentivadora, sobretudo, da leitura na sala de aula.

O trabalho realizado com música pode ser mais atraente para o aluno. No entanto,

as escolas ainda não incorporaram, em sua maioria, essa prática como atividade que propicie ao aluno novas leituras de mundo. Os professores ou não a utilizam ou, quando o fazem, ela se torna apenas algo a mais dentre tantas outras atividades pedagógicas. Ou seja, geralmente quando os professores levam a música para a sala de aula, trata-se daquelas tiradas de algum manual didático, cuja interpretação já vem anexada à letra. Isso acaba limitando o trabalho do docente, que vai exigir do aluno apenas o que é sugerido pelo livro e, conseqüentemente, o interesse do aluno não será instigado. Quando assim empregada, a música pouco contribui para envolver o discente na textualidade. Porém, a canção, quando bem utilizada, isto é, quando o professor se desprende do livro didático e procura selecionar músicas capazes de levar os alunos a uma reflexão sobre o contexto sócio-cultural e histórico, bem como sobre as intenções do autor, esta se torna um recurso didático-pedagógico valioso. O professor deverá estar atento, entre outras coisas, para o perfil de sua clientela, visto que a música deverá funcionar como estimulante de uma prática de leitura mais prazerosa para os alunos.

O professor que toma consciência de que é possível levar a música para a sala de aula, não apenas no intuito de cobrar de seus alunos uma mera decodificação de sentidos, verá que, através dela, é possível desenvolver um trabalho dinâmico,

enriquecedor e, acima de tudo, envolvente. Ao optar pelo trabalho com música na sala de aula, o docente deverá observar aspectos importantes que, se forem deixados de lado, poderão causar efeito contrário ao esperado.

A MÚSICA E OS FATORES DE TEXTUALIDADE E INTERTEXTUALIDADE

A depender da escolha da música a ser trabalhada, os *fatores de textualidade* poderão ser contemplados em maior ou menor grau. Vasculhando o acervo musical da década de 1970, por exemplo, o professor terá vasto material para trabalhar a *coerência*, visto que, em tempos de ditadura militar, a Música Popular Brasileira (MPB) se tornou espaço privilegiado de afirmação ideológica. Através das letras das canções, a palavra, mesmo sob forte coerção, conseguia circular. Por essa razão, a música se tornou um elemento de troca de mensagens e afirmação de valores.

Chico Buarque, grande nome da MPB, em uma de suas canções mais famosas, “Apesar de você”, que retrata os anos de ditadura, demonstra toda uma preocupação em driblar a censura e se fazer entendido por aqueles que viviam reprimidos, em clima de tensão e medo. Prova disso é o fato de o próprio Chico ter repetido inúmeras vezes que a canção fora escrita para uma namorada indiferente. A música adquiria, porém, outra coerência para aqueles que

compartilhavam do mesmo conhecimento de mundo do autor.

Outro fator oportunizado pela música é a *intertextualidade*. Tomando a mesma canção, “Apesar de você”, nota-se que Chico recorre a esse recurso para construir seu texto. Um discurso, sabe-se, não é “inocente”, isto é, destituído de ideologia e/ou influências prévias. Ao contrário, ele se constrói a partir de um já-dito. Assim, Chico Buarque cita o termo “galo”, fazendo referência direta a João Cabral em sua obra “Tecendo a manhã”: “Quando o galo insistir/ em cantar/ água nova brotando/ e a gente se amando/ sem parar”. O galo, no texto de Chico, anuncia a manhã, pondo fim às trevas. É a perspectiva da alteração radical da situação vigente e a ironia ao governo Médici que, conhecido pelas proibições e imposições, não conseguiria impedir a chegada desse novo dia.

A MÚSICA, A INTENCIONALIDADE E A INFORMATIVIDADE

Outros fatores pragmáticos de textualidade poderão ser abordados a partir dos vários estilos musicais existentes. A *intencionalidade* que constitui um dos cinco fatores pragmáticos estudados por Beaugrande e Dressler (1983) é um deles. O professor poderá levar o aluno a refletir sobre a intenção do produtor em colocar no papel o que ele tem em mente numa determinada situação comunicativa. Em contrapartida, pode-se fazer com que esse

mesmo aluno, enquanto leitor, analise o grau de aceitabilidade de um texto, bem como as estratégias utilizadas pelo produtor para alcançar a aceitabilidade do receptor.

Beaugrande e Dressler (1983), refletindo sobre a relação produtor-leitor, resumem que o leitor, ao se deparar com um texto, muitas vezes já o faz com certo grau de tolerância e, mesmo que os princípios conversacionais não sejam respeitados, ele (o leitor) finge que esse fato é uma estratégia do produtor, ou seja, o leitor trabalha a favor do texto. Caso o professor leve para sala de aula a música “Parei na contramão”, de Roberto Carlos e Erasmo Carlos, poderá discutir com seus alunos a intencionalidade na canção. Os dois cantores fizeram parte da Jovem Guarda, movimento que foi influenciado pela banda de rock The Beatles. O repertório de Roberto Carlos, tal como o dos Beatles, visava diretamente à juventude: “Vinha voando no meu carro/ quando vi pela frente/ na beira da calçada, um broto displicente”. Além disso, o cantor apelava a certos objetos que se transformavam, quase automaticamente, em ícones: gosto por automóveis sofisticados, jóias e cabelos compridos. Isso pode ajudar o professor a despertar, no aluno, um senso crítico em relação aos costumes, às modas e às opções pessoais durante certo período de nossa história e a ajudá-lo a perceber situações análogas em nossa própria era globalizada e viciada pela mídia.

Por fim, o professor, ao selecionar, as músicas a serem trabalhadas em sala de aula deverá contemplar, além dos fatores pragmáticos da textualidade citados, um outro fator que é a *informatividade*. Segundo Beaugrande e Dressler (1983), o ideal é o texto se manter num nível mediano de informatividade no qual se alternem ocorrências de processamento imediato, que falam do conhecido, com ocorrências de processamento mais trabalhoso, que trazem dados inéditos. A música “Selvagem”, dos Paralamas do Sucesso, por exemplo, aborda questões que, certamente, são de domínio público: “A cidade apresenta suas armas/ meninos nos sinais, mendigo pelos cantos/ e o espanto está nos olhos de quem vê.” Porém, traz informações que não estão ao alcance de todos: “O governo apresenta suas armas / Discurso reticente, novidade inconsistente /E a liberdade cai por terra/ Aos pés de um filme de Godard”. A menção de Godard faz referência, provavelmente, ao filme “Je vous salue, Marie”, do cineasta francês Jean-Luc Godard, cuja exibição foi proibida no Brasil porque representava a Virgem Maria de uma maneira ofensiva os católicos. Certamente o aluno não irá descobrir essas novas informações sozinho, mas o professor pode ajudá-lo na busca dos detalhes que subjazem à música.

Dessa forma, as músicas selecionadas devem tratar de temas capazes de atrair a atenção do aluno,

mesclando informações que fazem parte de seu conhecimento de mundo com informações novas a serem adquiridas. Mesmo que o aluno não tenha conhecimento, por exemplo, de que o texto do compositor Tom Zé fora escrito em 1975, no auge da ditadura militar, fazendo uma reflexão sobre a época, o leitor pode intuir o tema que o autor quis abordar. A música de Tom Zé traz os seguintes versos: “São Paulo, 10 de fevereiro/ de mil novecentos e 2010/ nestes termos, nestes termos, nestes termos/ pede, defé defé/ de fede fede fede/ de-fe-ri-men-to”.

A carga ideológica do texto vai ser reflexo não apenas do seu autor, mas de todo um grupo, da sociedade da qual faz parte. Cada texto é “precedido por/responde a textos anteriores e é seguido por outros textos” (MEURER, 2005). Assim, pode-se presumir que os discursos vão ser pautados nas relações que se estabelecem em uma sociedade, em quem diz o quê e para quem diz. Fazer com que o aluno perceba tudo isso e, mais ainda, que ele possa se comportar como sujeito atuante de uma sociedade excludente é um importante passo a ser dado pelo docente. Sobretudo se essa interação ocorre de forma prazerosa, proporcionada por esse gênero tão interessante que é a música.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há uma infinidade de possibilidades para o contato do aluno com o mundo da

leitura. A música é apenas uma delas. No entanto, o ensino de estratégias para uma leitura compreensiva é um ponto fundamental. Essas estratégias são aquelas capazes de contribuir para a formação do leitor, fazendo-o “interrogar-se, estabelecer relações entre o que lê e o que faz parte do seu acervo pessoal, questionar seu conhecimento e modificá-lo, estabelecer generalizações que permitam transferir o que foi aprendido para outros contextos diferentes” (SOLE, 1996, p. 72).

A leitura enquanto produção de sentidos (GOULEMONT, 1996) não se efetivará se a escola não trabalhar a leitura a partir de um elemento chave, os conhecimentos prévios de seus alunos. Ou seja, a bagagem que o aluno traz para a escola, a partir de suas vivências e história de vida, é ponto de partida para que a aprendizagem se efetive. Não possibilitar aos alunos sua utilização durante suas leituras, é não permitir uma leitura significativa e que realmente seja um momento de comunicação e trocas entre leitor e texto.

Na globalização, alunos e alunas têm um acesso limitado aos textos de valor poético e metafórico, sendo expostos quase que exclusivamente aos textos mera e vagamente informativos que encontram na internet. Atrai-los para o contato com textos de natureza poética e de intensa carga emocional e ideológica pode ser uma alternativa interessante para envolvê-los em

projetos de leitura mais aprofundada.

REFERÊNCIAS

BEAUGRANDE, Robert-Alain de; DRESSLER, Wolfgang. U. **Introduction to text linguistics**. Londres: Longman, 1983.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. Organização e apresentação de Maria Lajolo. Coleção "Palavra de Gente". São Paulo: Moderna, 2003.

GOULEMONT, Jean-Marie. A leitura como produção de sentidos. In: ROGER, Charter (Org). **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

MEURER, J. L. Gêneros textuais na análise crítica de Fairclough. In: MEURER, J. L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola, 2005. P. 81-106.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artemed, 1998.

TOM ZÉ. **Imprensa Cantada**. Trama: São Paulo, 2003.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 1989.